A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

10 – Purificação – a Inteligência e a Vontade (II)
11.07.21

(Parte IV – Capítulo VII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo
2020 - 2022

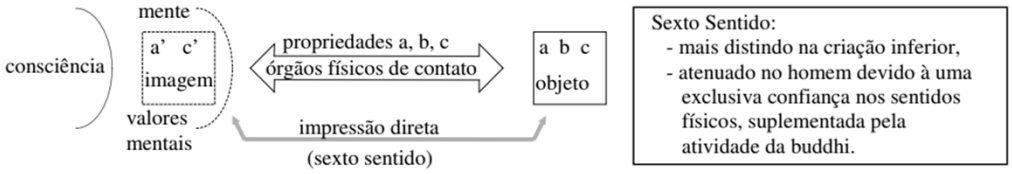
1

7- PURIFICAÇÃO - INTELIGÊNCIA E VONTADE

7.1- Distinção entre Manas e Buddhi

• Manas: mente dos sentidos, a mentalidade inicial do homem (animal, física ou sensorial), mente-de-pensamento sensorial, baseada em instintos, memória, associação, um organizador de experiência sensorial (governa os órgãos de ação).

- sentidos: contato da consciência encarnada com aquilo que a cerca.



- ação natural de manas: primeiras percepções e ações comuns a toda vida animal em desenvolvimento.

- Buddhi: inteligência discernidora e vontade inteligente - mente de pensamento.
  - instrumento da alma (ser consciente interior da natureza) pela qual o homem chega a alguma espécie de consciente e ordenada posse de si próprio e de seu ambiente;
  - é, em nós, ainda incompleta, semi-desenvolvida, semi-formada;
  - é um instrumento intermediário: através dele chegamos ao conhecimento de um poder maior dentro de nós.

- Purusha (alma) está por detrás de toda ação da chitta e manas:
  - nas formas inferiores de vida ele é, na maior parte das vezes, subconsciente;
  - pela atividade da buddhi ele inicia o processo de um inteiro despertar.

7.2- Purificação da Buddhi

- Inicialmente, de tudo que a faz submissa à mente sensorial;
- Posteriormente, de suas próprias limitações:
  - converter sua vontade e inteligência mental inferior em uma maior ação de uma vontade e conhecimento espirituais.

- Ação original da Buddhi é uma ação submissa à:

- evidência dos sentidos,
- os comandos das ânsias vitais - instintos - desejos - emoções,
- os impulsos da mente-sensorial dinâmica.

e apenas tenta dar a eles uma direção mais ordenada e sucesso efetivo.

- A ação mais alta da buddhi: exceder e controlar a mente inferior;
  - não livrar-se dela, mas elevar todas as ações, das quais ela é uma primeira sugestão, ao plano mais nobre de Vontade e Inteligência.

A primitiva alma-de-desejo não mais governa o ser, mas é governada por um Poder mais alto.

A alma de desejo primitiva não governa mais o ser.

Essa é ainda uma alma de desejo,
mas contida e governada por um poder superior,
algo que manifestou em si mesmo
as divindades da Verdade, da Vontade, do Bem e do Belo,
e tenta submeter a vida a elas.

A alma de desejo e a mente toscas (crude)
tentam converter-se em uma alma e em uma mente ideais;
e à proporção que algum efeito e harmonia desse ser consciente superior
forem encontrados e instaurados
será a medida do progresso de nossa humanidade.

5

Mas esse ainda é um movimento muito incompleto.

Percebemos que progride em direção a uma completude maior
à medida que alcançamos dois tipos de perfeição:

primeiro, um desapego cada vez maior do controle das sugestões inferiores;
em seguida, a descoberta crescente de um Ser autoexistente,
de uma Luz, um Poder e uma Ananda
que ultrapassam e transformam a humanidade normal.

A mente ética se aperfeiçoa à medida que
se desapega do desejo, das sugestões dos sentidos,
dos impulsos, das ações ditadas pelos costumes
e descobre um self de Retidão, Amor, Força e Pureza
em que ela pode viver em completude
e fazer dele a base de suas ações.

6

A mente estética se aperfeiçoa à medida que
se desapega de todos os seus prazeres mais grosseiros
e dos critérios exteriores convencionais da razão estética
e descobre um self autoexistente,
um espírito de Beleza e Deleite puros e infinitos,
que dá sua luz e sua alegria aos materiais do sentido estético.

A mente de conhecimento se aperfeiçoa quando
se libera das impressões, dos dogmas, das opiniões
e descobre uma luz de autoconhecimento e de intuição
que ilumina todas as operações dos sentidos e da razão,
toda sua experiência de si e do mundo.

7

A vontade se aperfeiçoa quando
se libera de seus impulsos
e de suas trilhas costumeiras de efetuação
e descobre, por trás disso,
o poder interior do Espírito,
que é a fonte de uma ação intuitiva e luminosa
e de uma criação original e harmoniosa.

A partir daí,
o movimento de perfeição
sai da dominação da natureza inferior
e se aproxima de um reflexo puro e poderoso
do ser, do poder, do conhecimento e do deleite
do Espírito ou Self na *buddhi*.

8

O Ioga da perfeição de si consiste em
tornar esse movimento duplo tão absoluto quanto possível.

Toda intrusão do desejo na *buddhi* é uma impureza.

Uma inteligência tingida pelo desejo
é uma inteligência impura e deforma a Verdade;
a vontade, tingida pelo desejo,
é uma vontade impura e põe um selo de
deformação, dor e imperfeição na atividade da alma.

Toda interferência das emoções da alma de desejo
é uma impureza e, do mesmo modo,
deforma o conhecimento e a ação.

Toda sujeição da *buddhi* às sensações e aos impulsos
é uma impureza.

9

O pensamento e a vontade devem afastar-se,
desapegar-se dos desejos e das emoções perturbadoras,
dos impulsos que desviam ou dominam
e agir em seu direito próprio,
até que possam descobrir um guia maior,
uma Vontade – *Tapas* ou *Shakti* divina –
que tomará o lugar do desejo, da vontade e dos impulsos mentais,
uma Ananda ou um deleite puro do espírito
e um conhecimento espiritual iluminado,
que se expressarão na ação dessa Shakti.
Esse desapego completo,
impossível sem autogovernança, equanimidade e calma completas,
sama, *samata*, *santi*,
é o passo mais seguro para a purificação da buddhi.
Só uma mente calma, equânime e desapegada
pode refletir a paz e servir de base para a ação do espírito liberado.

10

A própria *buddhi* está sobrecarregada com uma ação misturada e impura.

Quando a reduzimos a suas formas próprias,
percebemos que seu modo de funcionar
tem três estágios ou níveis de elevação.

Primeiro, sua base inferior é uma ação habitual, costumeira,
que serve como elo entre a razão superior e a mente sensorial,
uma espécie de compreensão comum.

Essa compreensão é, em si,
dependente do testemunho dos sentidos
e das normas de ação que a razão deduz das percepções
e da atitude da mente sensorial em relação à vida.

11

Ela não é capaz, por si mesma,
de formar uma vontade e um pensamento puros,
mas se serve da razão superior
para fazer deles a moeda corrente das opiniões,
das normas de pensamento costumeiras
ou dos critérios para a ação.

Quando efetuamos uma espécie de análise prática da mente pensante
e suprimimos esse elemento
para dissociar dele a razão superior,
livre, observadora e silenciosa,
percebemos que essa compreensão comum
começa a girar em um círculo fútil,
a repetir suas opiniões já feitas
e suas respostas habituais às impressões das coisas,
e é incapaz de qualquer adaptação e de qualquer iniciativa forte.

12

À medida que sente que a razão superior recusa sua sanção,
a buddhi começa a fraquejar,
a perder a confiança em si,
em suas formas e em seus hábitos,
a desconfiar da ação intelectual:
ela enfraquece e silencia.

A tranquilização dessa mente pensante comum,
que gira, corre e se repete,
é a parte principal desse silêncio do pensamento
e é uma das disciplinas mais eficazes do Ioga.

13

Mas a própria razão superior
tem um primeiro estágio de intelectualidade
dinâmica e pragmática
em que criação, ação e vontade
são o motivo real,
e pensamento e conhecimento
são empregados para formar construções e proposições de base
que são usadas sobretudo para a execução prática.

Para essa razão pragmática
a verdade é apenas uma formação do intelecto,
que serve para efetuar as ações da vida interior
e da vida exterior.

14

Por conseguinte, ela é, em si,
uma mente da Vontade de viver e de agir:
é mais uma mente de Vontade que de conhecimento;
ela não vive na Verdade segura, constante, eterna,
mas em aspectos sucessivos e mutáveis da Verdade
que está ao serviço das formas cambiantes
de nossa vida e de nosso devenir
ou, no máximo,
para ajudar a vida a crescer e a progredir.

Por si mesma,
essa mente pragmática não pode nos dar
uma fundação firme nem um objetivo estável;
ela vive na verdade do instante,
não na verdade da eternidade.

15